

A Companhia de Jesus nos séculos XVI-XVIII: uma comunidade global de mártires

Renato Cymbalista¹

A apropriação da memória, das representações e dos ossos dos antigos mártires foi estratégica para a legitimação da Companhia, como nova ordem religiosa que se esforçava por fazer valer os valores do Concílio de Trento e afirmar-se como força política e moral no ambiente institucional católico. Mas o culto dos jesuítas aos mártires foi além da veneração aos santos tradicionais. Mais do que qualquer ordem religiosa, os jesuítas predispuseram-se inúmeras vezes ao martírio, na Europa em guerras religiosas e nos outros continentes em que a Cristandade encontrava-se em expansão.

Across Europe, members of religious orders, including the Jesuits, Franciscans, and Carthusians, devoted particular attention to their own recent martyrs. Hundreds (in early seventeenth century Japan, thousands) more martyrs came from missions abroad. What early Christians had endured in the Roman Empire now, with overseas expansion, found its reprise as the living legacy of the paleo-Christian revival. As martyrs had helped convert ancient pagans in Europe, so they would do for modern pagans throughout the world. The universal Church was going global.²

A exortação ao martírio estava presente nos famosos *exercícios espirituais* de Loyola, o guia para meditação e código de conduta a ser adotado por cada integrante da Companhia de Jesus, significando a conquista interna da integridade necessária para exercer a vida jesuítica. No sétimo desses exercícios, “Da paixão de Cristo Nosso Senhor”, após relatar a paixão de Cristo, Loyola evoca seus seguidores:

... foram valorosos imitadores seus, quantos foram os Santos que houve na igreja, assim confessores, como mártires. Consideremos suas proezas e façanhas nesta espiritual milícia, [...] devemos animar-nos, e resolver-nos à sua imitação, para que assim como eles triunfaram, triunfemos nós.³

O primeiro dos frescos da igreja jesuítica de Santo Stefano Rotondo pintados no início da década de 1580 e reproduzidos em gravura logo depois disso, mostrava Cristo na cruz como “rei dos gloriosos mártires”, rodeado de mártires homens e mulheres.⁴

¹ Professor do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP.

² Brad S. Gregory, **Salvation at stake**. Cambridge: Harvard University Press, 1999, pp. 251-252.

³ Sebastiam Izquierdo, **Practica dos Exercícios espirituais de S. Ignacio. Traduzida pelo P. Manoel de Coimbra**. Lisboa: na Officina de João Galvão, 1687, p. 130.

⁴ Giovanni Batista Cavalieri, **Ecclesiae militantis triumphus**, gravura 1, “Rex Glorioso Martyrum”.

As imagens do Colégio Inglês foram utilizadas como instrumento de propaganda pelo Vaticano, que atribuiu especial relevância àquela igreja. Contrariando o rígido controle do Concílio de Trento para a veneração de mártires ainda não canonizados, entre 1580 e 1585 Gregório XIII permitiu que as relíquias dos novos mártires fossem utilizadas para consagrar altares, e que suas imagens fossem exibidas publicamente.

No ciclo de martírios de São Tomas de Canterbury, da primeira metade da década de 1580, conforme colocado acima, o pintor Circignani vai além da evocação dos antigos martírios, e focando nos mártires ingleses (ou relacionados à Inglaterra) traçam uma linha histórica que chegava às vésperas daquele momento.



Figura 1 - *Ecclesia Anglicana Trophaea*, gravuras 31 a 33, extraídas dos frescos da Igreja de São Tomás de Canterbury do Colégio Inglês de Roma. Cenas dos martírios dos jesuíta Edmund Campion, Rudolph Sherwin e Alexander Briantus, ocorridos em Londres a partir de 1581. Fonte: BNP.



Figura 2 - *Ecclesia Anglicana Trophaea*, gravura 35. Martírios dos alunos dos colégios jesuíticos ocorridos na Inglaterra.

A inserção desses martírios recém ocorridos, nenhum deles sequer beatificado, e sua exibição pública nas paredes da Igreja do Colégio Inglês de Roma contrariavam as rígidas normas do Concílio de Trento, que puderam ser flexibilizadas devido à situação de emergência que se vivia em relação às dissidências religiosas na Inglaterra. No final do século XVI, a Inglaterra era um dos lugares mais perigosos do mundo para os missionários católicos, e os alunos do Colégio Inglês foram chamados de “flores de martírio” por Filippo Neri. Em 1585, 42 jesuítas já haviam sido martirizados na Inglaterra.⁵

Na década de 1580, os jesuítas martirizados em vários locais do mundo já se contavam às dezenas, e o ciclo de martírios do Colégio Inglês de Roma revela uma passagem estratégica para a Companhia: os mártires jesuítas do século XVI destacavam-se dentre os milhares de vítimas das guerras religiosas que assolavam a Europa, e deslizavam rumo à comunidade dos mártires que conectava o tempo e o espaço da cristandade desde os primeiros séculos de perseguições.

S. Tommaso converteu-se em algo único na Roma quinhentista – um local de peregrinação dedicado aos mártires do presente e do futuro, e até mesmo estudantes vivos eram venerados como relíquias móveis, cumprimentados com a expressão ‘Salvete Flores Martyrum’.⁶

A ideia do noviço jesuíta como futuro mártir e espécie de relíquia viva, que encontrava no final do século XVI em São Tomas de Canterbury sua expressão máxima, não era estranha à formação dos jesuítas em geral. A formação que visava o aperfeiçoamento interno, a exemplaridade de caráter, atributos como a indiferença, a humildade, o apostolismo, contribuía para investir os jesuítas de uma certa aura de santidade. Os martírios de jesuítas na Europa e nas missões, a partir de 1549, agregaram um novo elemento a essa imagem. Mais do que qualquer outra ordem religiosa, foram os jesuítas os religiosos mais predispostos ao martírio no início da Idade Moderna.

Conforme acumulavam-se as histórias de martírios, os jesuítas construíram seu próprio martirologio, um corpo místico que identificava e unia espiritualmente as diferentes partes da Companhia dispersa pelo mundo. Tal imaginário teve vários formatos e modalidades de circulação.

⁵ Gauvin Alexander Bailey, **Between Renaissance and Baroque: jesuit art in Rome**, pp. 153-155.

⁶ Gauvin Alexander Bailey, **Between Baroque and Renaissance: jesuit art in Rome**, p. 156.

Provavelmente o primeiro compêndio visual de mártires da Companhia foi executado no noviciado de Sant'Andrea al Quirinale, centro de formação de noviços jesuítas que no século XVI abrigava um dos mais importantes acervos de pintura da Companhia, do qual quase nada sobrevive após sucessivas reformas no edifício a partir do século XVII.⁷

Cerca de uma década após a realização dos ciclos de martírios de Santo Stefano Rotondo e San Tommaso de Canterbury, o tema dos martírios foi intensivamente explorado no noviciado de Sant'Andrea al Quirinale, o primeiro centro de formação de noviços em Roma, datando de 1565, situado estrategicamente em um bairro aristocrático de Roma, nas imediações do palácio de verão do Papa.⁸

No refeitório do Noviciado, os jesuítas reuniam-se para as refeições e, ao jantar, ouviam falas que lembravam as vésperas dos jesuítas que haviam sido martirizados em diversas partes do mundo. Após o jantar, dirigiam-se à sala de recreação “para refletir após o jantar sobre o que você ouviu durante a refeição, sejam as histórias que estão representadas nas pinturas das paredes, ou outro tipo de matéria edificante”.⁹ O tempo de recreação era usado pelos noviços para preces, para ouvir palestras e para a discussão de temas religiosos com os colegas.

⁷ Na segunda congregação geral da Companhia, em 1563, foi decidido que em seus dois primeiros anos de formação, os noviços jesuítas viveriam em um edifício separado, o noviciado. Gauvin Alexander Bailey, **Between Baroque and Renaissance: jesuit art in Rome** pp. 38-41.

⁸ Gauvin Alexander Bailey, **Between Renaissance and Baroque**, p. 40-41.

⁹ Louis Richeome, *La peinture spirituelle* (1611), apud Gauvin Alexander Bailey, **Between Renaissance and Baroque**, p. 61.

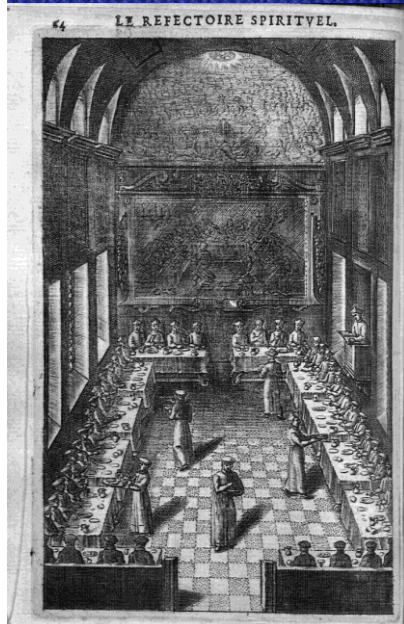


Figura 3 – o “Refeitório Espiritual”, imagem do Refeitório de Sant’Andrea al Quirinale, Fonte: Louis Richeome, *La peinture spirituelle* (1611). Jesuítica Digital.

A sala de recreação era decorada principalmente com pinturas martirológicas, possivelmente realizadas de forma progressiva a partir do final da década de 1580 e até a primeira década do século XVII. A sala ostentava duas grandes pinturas de martírios coletivos: a de Inácio de Azevedo e seus 39 companheiros, batizados de “mártires do Brasil”, martirizados em 1570, e a de Rodolfo Aquaviva e quatro companheiros martirizados em Salsete, na Índia, em 1583. O livro “*La peinture spirituelle*”, de Louis Richeome, descreve essas imagens e a forma como os jovens noviços deveriam apreendê-las. Sobre os mártires do Brasil, liderados por Inácio Azevedo, ele relata:

Et partant, mes bien-aimés, encore que vos yeus ne puissent tenir les larmes jetant leur regard sur les figures de ce tableau, représenteresse du piteux spectacle de vos très chers frères occis, vous devez néanmoins être joyeux, par la consideration de leur pèlerinage, si heureusement terminé au quarantièmejour de leur course, et au jour de repos; sachantque leurs tourments et leur mort ont été une voie et une porte glorieuse à la vie et repor éternel. Réjouissez-vous donc, et au lieu de lamenter, chantez le *Te deum* et le triomphe, et accompagnez ces âmes bienheureuses jusques au ciel, et priez-les de prier pour vous celui qui leur a donné l’occasion du combat, le coeur de combattre et la force de vaincre. Ne vous attritez plus de leur mort, par laquelle ils sont entrés en la possession de la vraie vie; et ne regardez plus, la larme à l’œil, leurs corps ensanglantés flottant sur le branle des ondes: laissez-les avaler [descendre] d’une douce descente dans el profond des eaux, et y prendre leur dernier hébergement au sépulcre de paix, comme les âmes ont já pris possession sur les eaux immortelles du ciel.¹⁰

¹⁰ Louis Richeome, *La peinture spirituelle* (1611), anexo à edição de 1995 do livro **Le Theatre des Cruautés** de Richard Verstegan, editado e comentado por Frank Lestringant, p. 188.

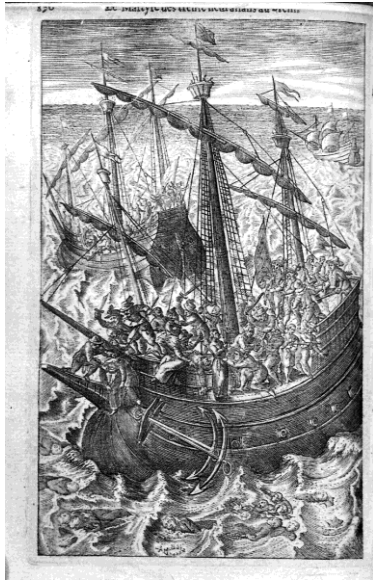


Figura 4 – Martírio de Inácio de Azevedo e seus 39 companheiros, reproduzido da sala de recreação do Noviciado de Sant’Andrea al Quirinale. Fonte: Louis Richeome, *La peinture spirituelle* (1611). Jesuitica Digital.

Além dos painéis que narravam os dois martírios, em um grande friso que corria as paredes da sala de recreação do noviciado, eram representados retratos de uma centena de jesuítas martirizados em todos os continentes, de 1549 (quando Antonio Criminale é martirizado na Índia, inaugurando a série) até 1606, quando o conjunto foi finalizado. Os mártires estavam dispostos em ordem cronológica, de acordo com o ano da morte. Diferente de outras representações, os mártires do friso foram pintados com feições serenas, cada um deles encimado por um anjo que carregava uma coroa e uma palma, símbolo do martírio. Segundo relato do Padre Richeome do início do século XVII, as imagens teriam como função recordar os noviços das glórias de seus irmãos, e servir como modelo para o seu futuro trabalho missionário.¹¹

As pinturas de Sant’Andrea não vinham associadas a santos e mártires antigos, de forma que a representação martirológica jesuítica ganhava independência. Como tratava-se de espaço reservado, não havia risco de veneração pública de figuras ainda não autorizadas.

¹¹ Gauvin Alexander Bailey, **Between Baroque and Renaissance: Jesuit Art in Rome**, p. 67.

O culto aos mártires jesuítas ainda não consagrados oficialmente só era possível por tratar-se de espaço privado, não acessível pelo público. Àquele momento, já circulavam imagens de mártires jesuítas sacrificados em diferentes partes do mundo, como Antonio Criminale, Gonçalo Silveira e Inácio de Azevedo. Mas é possivelmente a partir da experiência dos ciclos de martírios nas igrejas que os jesuítas instituíram uma modalidade específica de representação de seus mártires, em conjunto, construindo uma comunidade específica e remetendo aos diversos locais onde ocorreram os martírios.

A gravura *Effigies et nomina quorundam e societate Iesu qui pro fide sunt interfecti* foi provavelmente inspirada no friso de Sant'Andrea al Quirinale, e da mesma forma traz imagens de um coletivo de jesuítas martirizados, em que não as trajetórias individuais, mas o seu conjunto, é o protagonista. Tal imagem unifica as partes dispersas da Companhia em um corpo único, por meio de seus mártires.



Figura 5 – *Effigies et nomina quorundam e societate Iesu qui pro fide sunt interfecti*. Coleção da Herzog August Bibliothek, Wolfenbüttel, Alemanha. Fonte: Peter Burschell, *Sterben und unsterblichkeit: zur Kultur des Martyriums in der frühen Neuzeit*, p.258.



Figura 6 – Página de rosto de *Vita Beati P. Ignati Loiolae Societatis Iesu Fundatori* (1609), comemorativa da beatificação de Inácio de Loyola. Na imagem, mártires de todo o mundo são também designados beatos, como seu patrono. BNP.

A publicação comemorativa da beatificação de Inácio de Loyola, publicada em Roma em 1609, mostra em sua página de rosto uma imagem composta: no alto, ao centro, o retrato de Loyola. Abaixo de sua imagem, três outros varões da Companhia em processo de beatificação: Luiz Gonzaga, Francisco Xavier e Stanislau Kostka. Ainda abaixo, imagens dos principais mártires da Companhia em todo o mundo: Abraão George (Etiópia); Antonio Criminale (Índia); Rodolfo Acquaviva e seus companheiros (Índia); Edmund Campion (Inglaterra); Jacques Salés (França); os Quarenta Mártires do Brasil; além de imagens anônimas de mártires no Japão, Flórida, Índia e Inglaterra. Todos os retratados apresentam a letra “B” antes de seus nomes, indicando que, com Loyola, todos os varões e mártires da Companhia eram também beatos, reforçando a idéia da Companhia como um corpo místico do qual seus mártires eram elemento estratégico.

Na ocasião da canonização de Inácio de Loyola e Francisco Xavier em 1622, fizeram-se grandes festas em Lisboa, ocasião em que os martírios de jesuítas mortos no mar ao redor do mundo foram celebrados. Após dois carros representando a América e a África, e antes da Ásia e Europa,

[...] aparecia uma formosa nau da Índia, tão perfeita, & bem acabada, que podia servir de modelo para as que se fazem na Ribeira. Não vinha carregada de drogas, mas de mártires da



Companhia de Jesus, que levados do zelo da fé, navegaram por todas as partes do mundo, e nelas deram suas vidas por Cristo. Ia embandeirada com muitos galhardetes e flâmulas de tafetá vermelho, nas velas pintadas palmas e coroas: pelas bombardeiras assomavam muitas peças de artilharia de bronze, que a lugares disparavam, navegava em um mar de ondas contrafeitas, e por entre elas apareciam cabeças, e braços dos santos mártires que foram lançados ao mar, que por toda a parte mostrava veias e escumas de sangue.¹²

Em 1650, foi publicado em Lisboa o livro *Elogios, e ramalhete de flores borrifado com o sangue dos religiosos da Companhia de Jesus: a quem os tyrannos do Imperio de Jappão tirarão as vidas*, com imagens e relatos do martírio de dezenas de jesuítas mortos na mais sangrenta das missões extra-européias, a do Japão, de onde jesuítas e católicos em geral foram proibidos de exercer sua fé publicamente e finalmente expulsos em meados do século XVII.

Aqui se verão as imagens com seus Elogios em romance Portugues, pera a gente portugueza, porque já tenho sahido em Roma com elles em Latim pera as demais nações do mundo: pera que todos tenham noticia dos tormentos destes fortissimos Cavalleiros de Christo, dados em odio de nossa santa Fè Catholica.¹³

Pela quantidade, variedade e sofisticação, os martírios do Japão povoaram a mente dos jesuítas no mundo todo, e a circulação desses relatos possivelmente influenciou para que fossem tantos os martírios japoneses representados no ciclo que foi composto na Bahia dali a alguns anos.

¹² **Relação das festas que se fizeram em Lisboa quando da canonização de São Francisco Xavier e Santo Inácio de Loyola.** Lisboa, 1622, p.23.

¹³ Antonio Francisco Cardim, **Elogios, e ramalhete de flores borrifado com o sangue dos religiosos da Companhia de Jesus: a quem os tyrannos do Imperio de Jappão tirarão as vidas. Catálogo de todos os religiosos, & seculares, que forão mortos naquelle Imperio, até o anno de 1640.** Lisboa, por Manoel da Sylva, 1650, p. 10.



Figura 7 – Imagens de Elogios, e ramallete de flores borrifado com o sangue dos religiosos da Companhia de Jesus: a quem os tyrannos do Imperio de Jappão tirarão as vidas (Lisboa, 1650). BNP.

Em 1675, foi publicado o maior dos compêndios de mártires da Companhia, o livro *Societas Jesu usque ad sanguinis et vitae profusionem militans*, de autoria de Mathias Tanner, superior do clégio de Praga. O livro, que ficou conhecido como o “Martirologio” da Companhia, listava mais de 300 mártires de todos os continentes, e foi possivelmente a partir deste livro que foram feitas as imagens da sacristia de Salvador (figura 8).





Figura 8 – Imagens de *Societas Jesu usque ad sanguinis et vitae profusionem militans* (Praga, 1675)

Segue também este modelo de devoção de caráter mais privado o único ciclo de martírios de que temos registro realizado no Brasil, o forro da sacristia do Colégio da Bahia, pintado entre 1683 e 1694 e já analisado por Luis de Moura Sobral (2001). O forro mostra 21 retratos de jesuítas, dispendo em seu centro os três santos já canonizados da Companhia naquele momento: Inácio de Loyola, Francisco Xavier e Francisco de Borja. Ao lado de Inácio de Loyola, e comendo com Xavier e Borja uma cruz, retratos de outros dois beatificados: Stanislao Kostka e Luis Gonzaga. Nenhuma dessas figuras foi martirizada, os mártires encontram-se dispostos nas partes menos centrais da composição.



Figura 9 - Teto da sacristia da Igreja do Colégio da Bahia. Fotografia e fotomontagem Renato Cymbalista.

A norte do arranjo central, encontram-se, da extremidade para o centro: os mártires do Japão: Paulo Miki, João de Goto e Jacob Kisai (mortos em 1597 em Nagasaki); Carlos Spinola (Nagasaki, 1622); Marcelo Mastrilli (Nagasaki, 1637) e Francisco Pacheco (Nagasaki, 1626); Inácio de Azevedo (Ilhas Canárias a caminho do Brasil, 1570), Stanislau Kostka e João de Almeida, padre não martirizado que pregou no Brasil.

A parte sul do arranjo central dá mais importância aos mártires do Brasil. Da extremidade para o centro, Pedro Correa e João de Souza (sertão de São Vicente, 1554) e Francisco Pinto (Serra do Ibiapaba, Ceará, 1608); Edmund Campion (Londres, 1581), Pedro Dias (a caminho do Brasil, 1571) e Bento de Castro, um dos companheiros mortos com Inácio de Azevedo; o “Apóstolo do Brasil” José de Anchieta, não martirizado; o já mencionado Luis Gonzaga e “Joannes Batista”,

provavelmente o Padre João Batista Machado, martirizado em Omura, Japão em 1617.



Figura 10 – Teto da sacristia da igreja do Colégio de Salvador, Bahia. No sentido horário: Pedro Correa, João de Souza, Francisco Pinto, Bento de Castro, Pedro Dias e Edmund Campion. Fotografia e fotomontagem Renato Cymbalista.

Assim como os demais ciclos de martírios dedicados exclusivamente aos jesuítas, o ciclo de Salvador da Bahia tinha como função exortar os jesuítas ao martírio, celebrar e relacionar entre si as diferentes partes do corpo místico da Companhia, ensinar aos padres os exemplos de fé de seus colegas mortos. Revela um grande investimento na ornamentação de um espaço, o que denota a centralidade que a companhia atribuía àquela altura ao colégio da Bahia, que por seu ciclo de martírio podia equiparar-se a outros seus semelhantes.

Segue esse modelo um ciclo de martírios do Colégio Alemão de Paderborn (figuras 11 e 12), da virada do século XVII para o XVIII, em dois painéis representando 144 jesuítas, vários deles remetendo a martírios coletivos.



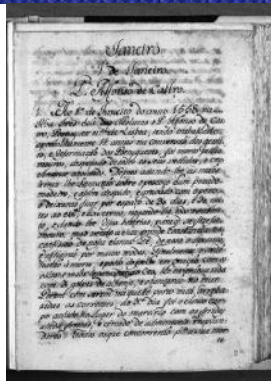
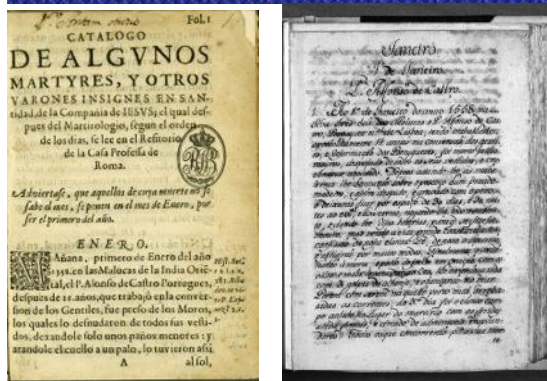


Figuras 11 e 12 – Painéis do Colégio Jesuítico de Padeborn, cerca de 1700. Museu da Diocese de Padeborn, Alemanha.

Os compêndios de mártires fixavam no mesmo espaço martírios ocorridos em diferentes tmepos, lugares e contextos. Tinham como complemento os chamados *menólogos*, calendários que evocavam as mortes mais relevantes para a memória da Companhia, existentes em todos os colégios. O Menológico da Província do Brasil encontra-se no ARSI (Bras. 13 e Bras. 14), e recupera as datas dos martírios mais importantes para a memória da Companhia, entre outras efeméridas importantes.



Figuras 13 e 14 – Folhas de rosto dos dois volumes do menológico da Província do Brasil da Companhia. ARSI, Bras. 13 e Bras 14.



Figuras 15 e 16. O “catálogo de algunos martyres y otros varones insignes”, (BNP, possivelmente proveniente da Biblioteca do Colégio de Santo Antônio Novo), e o Menológico da Província do Brasil, ambos relatando o martírio de Afonso de Castro nas Ilhas Molucas. Embora com pequenas diferenças, a base das celebrações dos martírios dos jesuítas por todo o mundo é a mesma, inspirada nas comemorações da Casa Professa de Roma.

O menológico regulava o calendário dos jesuítas, não apenas lembrando os martírios de seus irmãos, mas celebrando as festas que eram autorizadas. O Padre Fernão Cardim comenta sobre as honras que se fazia ao Padre Inácio Azevedo e seus 40 companheiros mártires no Colégio de Olinda, em 1583:

Ao dia seguinte [15 de julho], se festejou dentro de casa [do colégio] como cá é costume, o martírio do Padre Ignácio de Azevedo e seus companheiros com uma oração em verso no refeitório, outra em língua d’Angola, que fez um irmão de 14 anos com tanta graça que a todos nos alegrou, e tornando-a em português com tanta devoção que não havia quem se tivesse com lágrimas.¹⁴

A festa de Inácio de Azevedo e dos mártires do Brasil era celebrada em todos os colégios e casas dos jesuítas. No mesmo dia 15 de julho, dali a 13 anos, em 1583, seriam martirizados Rodolfo Acquaviva e quatro companheiros em Salsete, na Índia. Ao tomar conhecimento desses novos martírios, os padres do Colégio de Goa lembraram-se que estavam celebrando os mártires do Brasil no momento do martírio em Salsete, e consagraram ainda mais essa data:

E siccome il Martirio loro cadde né 15 di Luglio, giorno [...] segnalato, e degno di gran veneratione nella Compagnia, perchè nell’istesso giorno dodici [sic] anni prima furono anche martirizzati dagli Eretici il P. Ignatio di Azevedo con altri trentanove suoi Compagni; e come tale li festeggiavano i Padri e Fratelli del Collegio di Goa con una solennissima disciplina che facevano nell’istesso tempo che questi altri cinque [grifo no original].¹⁵

¹⁴ Fernão Cardim, *Tratados da terra e gente do Brasil* (Belo Horizonte/ São Paulo, Itatiaia/ Edusp, 1980 [Londres, 1625]), p. 161.

¹⁵ *Segni Maravigliosi co’quali si é compiacuito iddo di autorizzare Il martírio de’ vener. Servi di Dio Ridolfo Acquaviva, Alfonso Pacheco, Pietro Berna, Antonio Franceschi, e Francesco Araña Della Companhia di Gesu.* In Roma, per Antonio de Rossi, 1745, p. 131.



Miguel de Venegas celebrava que foi dada autorização para os jesuítas partirem em missão à Califórnia no dia 5 de fevereiro de 1697, 'dia singular para la Compañia, porque el ella celebra la Festividad de sus tres Martyres de Japon'.¹⁶

Na carta ânua de Cochim de 1561, o Padre Melchior Nunes Barreto descreve a Companhia de Jesus como uma comunidade de sofredores, da qual fazem parte os mártires da Ásia e África, as perseguições na universidade de Paris, mas também as glórias em Roma e os sucessos na conversão dos bárbaros no Brasil:

bem cego e ignorante seria a quem não movesem exemplos tão presentes e tão vivos como cada dia vemos na Companhia, vendo na Cafraria [África Subsaariana] morrer em testemunho da fé com tão forte ânimo o Padre Dom Gonçalo, e a constância que nos trabalhos têm os Padres que nestas partes de Ásia estão espalhados, uns no Preste [Etiópia] cada dia morrendo pelo glória de Deus, outros na Cafraria com intolerável fome e claros perigos, outros em Japão [...] carecerem de todas as consolações humanas, mas não divinas; outros nas partes de Maluco, com muitos deles morrerem nos mesmos trabalhos e outros andarem em perigos evidentes; outros na cristandade de Comorim, que agora é passada à ilha de Manar, dos quais uns são mortos à espada e outros foram cativos e outros muitas vezes espancados e todos em muitos trabalhos que padecem pelo aumento e conservação da fé; afora outros muitos que em Malaca, Cochim, Goa, Baçaim, Damão, estão espargidos.

Por outra parte lançando os olhos lá nessas partes de Europa, a quem não inflamará os ânimos ver as obras tão maravilhosas e universais que Deus Nosso Criador obra pela Companhia em Roma e em as partes de Italia, quanto ajudam a Igreja católica e aos membros particulares dela, e o mesmo com todas as outras partes da cristandade. Verdadeiramente, caríssimos Irmãos, quando os que cá andamos nestas partes tão remotas nos pomos a considerar o especial concurso com que Nosso Senhor ajuda e favorece esta sua pobrezinha Companhia, como a vai acrescentando por todas as partes com novas plantas e novos colégios, e vai exercitando em tão maravilhosa paciência de trabalhos, não faltando na universidade de Paris e em outras partes manifestas perseguições. E quando com isto juntamente consideramos a constância e firmeza que estes pobres instrumentos por bondade do Senhor [mostram em meio às] atribuições, não quebrando a obrigação da santa obediência e caridade, esquecendo-se de si para se lembrar da glória do Senhor, não nos fica a cada um de nós mais que confundirmo-nos e humilharmo-nos debaixo da poderosa mão de Deus, e vemos se podemos caminhar com o lume de tantas tochas que a clemência divina nos acendeu e pôs [...] sobre o castiçal que a todos nos alumia. E que tocha e que lume dão os exemplos da humildade que do Padre Francisco [Borgia] e de outros [...] e quanto nos edifica a perseverança tão alegre que os Irmãos que andam no Brazil têm na conversão dos gentios, a qual quase leva já de vencida a imensa barbaria dos brasis!¹⁷

Em 1552, o Irmão Luiz Mendes foi martirizado na mesma região em que Antonio Criminale havia sido martirizado havia três anos. Sobre esses dois mártires, Antonio Criminal e Luis Mendes, refere-se o Padre Sebastião Gonçalves:

Diz o santo Job que hum sangue toca outro sangue. E o real profeta David que hum abismo chama outro abismo. O sangue que o bem-aventurado P. Antonio Criminal derramou [...] tocou ao Irmão Luis Mendes de nossa Companhia pera que liberalmente vertesse o seu pello augmento e defensão da christandade; o abismo da misericordia, de que Deos usou com o

¹⁶ Miguel de Venegas, **Noticia de califórnia**, vol II, p. 13-14.

¹⁷ **Documenta Indica V**, doc. 64. P. Melchior Nunes Barreto S.I. Sociis Europaeis. Cocino 31 decembris 1561, pp. 400-402.



primeiro martyr de nossa Companhia, chamou o segundo na mesma Costa da Pescaria.¹⁸

*

Se no século XVI os ciclos de martírios promovidos pelos jesuítas remetiam principalmente aos mártires antigos, no século XVII os compêndios de mártires passam a representar com autonomia cada vez maior o conjunto dos jesuítas martirizados, representações que nascem no friso de mártires da sala de recreação de Sant'Andrea al Quirinale e ganham momento com os primeiros beatos e santos da própria Companhia. Por meio dessas imagens, a ordem construía uma coesão entre as partes dispersas e o todo da Companhia, e ao mesmo tempo legitimava sua identidade missionária e apostólica, uma “ordem de mártires”.

¹⁸ “Primeira Parte da Historia dos Religiosos da Companhia de Jesus e do que fizeram...”, p.46.